

NÃO QUE EU NÃO SAIBA O QUE É NORMATIVO, MAS AS PESSOAS ESTÃO USANDO ASSIM. CORRELAÇÕES INOVADORAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Maria Célia Lima-Hernandes¹

RESUMO

Neste artigo, discuto as propriedades das conexões correlativas do português do Brasil. Por não serem normatizadas nas gramáticas de língua portuguesa, esses pares correlativos são considerados inovadores, no entanto se utilizam das mesmas estratégias e mecanismos para estabelecer a relação entre as informações sequenciadas.

Palavras-chave: correlação, conjunções inovadoras, gramaticalização.

Introdução

Lidar com fatos sintáticos e explicá-los sem desconsiderar o processo evolutivo é uma tarefa que demanda grande trabalho, o que nem sempre se traduz em êxito. As dificuldades que se impõem ao analista não dizem respeito, como se poderia aventar de pronto, à complexidade do processamento sintático em si. São, na verdade, dificuldades derivadas da sobreposição de trajetórias evolutivas de cada item que compõe uma construção ou oração. O que se tem, no estudo de estruturas ou sequências sintáticas, é, em suma, um grande emaranhado de processos interagindo num dado momento de atualização linguística em conformidade com as demandas da situação comunicativa.

Não se trata, pois, de supervalorizar o trabalho do sintaticista funcionalista à custa da desvalorização de estudiosos dos demais sistemas linguísticos. Trata-se, sim, de chamar a atenção para a complexidade derivada dos aspectos linguístico, social, histórico e cognitivo. Ao mesmo tempo, há a deflagração de efeitos insuspeitos na cena comunicativa. São os aspectos que se manifestam somente no momento da interação entre os indivíduos e que podem ser recuperados pelas pistas deixadas durante a

¹ Livre-docente da Universidade de São Paulo, Pesquisadora CNPq e Pesquisadora principal de Projeto temático pela FAPESP. E-mail: mceliah@usp.br

interação. É por esse emaranhado de ações e reações que o trato sintático somente pode ser estudado pelo estudo do dado efetivamente produzido e pelo efeito causado no interlocutor.

Lidar com a forma como as pessoas organizam suas falas e com suas escritas equivale em grande medida a lidar com a forma como as pessoas organizam e organizaram suas mentes ao longo dos tempos. A esse respeito manifestam-se alguns funcionalistas dentre os quais destaco Dik (1989, p. 6):

Quando a língua é separada do contexto social natural em que é usada e adquirida, qualquer forma de aprendizado torna-se um mistério que não se pode compreender senão assumindo-se que a língua esteve aí presente o tempo todo, na forma de uma estrutura geneticamente pré-programada da mente humana.

Nesta fala trataremos, nesta ordem, da correlação como processo de combinação de orações e, a reboque, da problematização que nos permite revisitar o tema à luz de dados produzidos em situação de alta normatividade requerida.

O objetivo, portanto, desta apresentação é fazer a releitura dos processos de combinação de orações num modelo dinâmico que permite conjugar os problemas semânticos de interesse comum na sintaxe funcional, qual seja, analisar uma estrutura sintática efetivamente produzida por falantes em situação comunicativa e os efeitos disso para a intercompreensão.

1. Revendo o tema e explicitando o problema

Desde a década de 90, tem-se discutido sobremaneira os processos de combinação de orações (HOPPER & TRAUGOTT, 1993, principalmente). O embate que se apresenta de lá para cá pode ser sintetizado na rejeição da bipartição “coordenação – subordinação”, inclusive alguns linguistas (LIMA-HERNANDES, 1998, 2004; RODRIGUES, 2004; DIAS, 2004; GALVÃO, 2004; GONÇALVES, 2004; BRAGA & MANFILI, 2004; PAIVA & PEREIRA, 2004; CARNEIRO, 2006; dentre outros) têm evidenciado que existem estruturas periféricas que não podem ser analisadas de modo eficiente e coerente segundo esse modelo bipartido. Esse é o ponto de partida da discussão que trazemos aqui.

Focalizamos a conexão sob o ponto de vista de sua raiz histórica, de sua evolução diacrônica, mas esse resgate se dá por meio da análise de dados sincrônicos, assumidos como pistas de usos padronizados ao longo do tempo. A típica conjunção coordenativa adversativa *mas* terá seus padrões de uso correlativos analisados de modo que possamos evidenciar que sua evolução linguística aponta para uma subordinação por meio do processo da correlação. Procederemos assim à identificação dos mecanismos engendrados nessa mudança governada pelo processo geral da gramaticalização.

1.1 Gramaticalização de combinação de orações: orações de tempo são sempre hipotáticas?

Hopper & Traugott (1993, p. 170) propõem a combinação de dois critérios para o estabelecimento de um contínuo de orações: dependência e encaixamento. Dividem, então, os processos de combinação oracional em três tipos: parataxe, hipotaxe e subordinação.

Parataxe evidencia independência entre as orações que compõem a sequência. Hipotaxe vem expressa pela interdependência entre as orações combinadas, havendo uma oração-núcleo e uma ou mais orações com relativa dependência. Subordinação apresenta-se com grau máximo de dependência, por servir como constituinte da oração-matriz.

Esses autores também representam, em forma de quadro de contínuos, os processos de combinação de orações, incluindo, a exemplo de Lehmann (1988), o critério da integração sintática. A representação desses critérios em contínuos pode ser observada no quadro 1.

Quadro 1: Propriedades relevantes para o <i>continuum</i> de Combinação de Orações ²		
parataxis-----	hypotaxis-----	subordination
(independence)	(interdependence)	(dependence)
nucleus -----	margin	

minimal integration ----- maximal integration

maximal overt linking -----minimal overt linking

Com base nesses critérios, os autores afirmam que orações adverbiais e relativas apositivas podem ser menos dependentes do que relativas restritivas e orações-complemento em algumas línguas ou em estágios de uma língua. Tomemos os seguintes exemplos para análise:

(1) ... bastou chegar no ponto, o ônibus passa (Rodrigues, 1988).

Segundo as informações apresentadas por Hopper & Traugott, a *parataxe*, como processo de ligação, envolve tanto as justapostas, quanto as coordenadas. As primeiras aparecem lado a lado sem a presença de um conector e a relação semântica é estabelecida somente por inferência. Como aceitar que essa seja uma verdade fundamental se temos, no português popular brasileiro por exemplos, sentenças, como (1), em que a entonação estabelece uma curva tal que as orações apresentam um grau maior de dependência do que uma coordenada aditiva. Ao mesmo tempo, a primeira porção é uma oração hipotática temporal, que sinaliza o tempo de ocorrência do evento codificado na oração núcleo posposta. Não se pode, então, basear a análise exclusivamente no tipo de juntor explicitado.

Sobre as *hipotáticas*, dizem os autores que o conectivo é explícito e que as orações apresentam um mesmo contorno entonacional. Observemos que as orações do exemplo (1) não apresentam contorno entonacional idêntico, tampouco trazem conectivo explicitado.

Sobre as *subordinadas*, dizem que as orações apresentam força elocucionária idêntica e que a oração encaixada equivale a um constituinte da oração-matriz, estabelecendo uma relação de dependência sintática.

Um trabalho bastante discutido e polêmico no meio acadêmico foi produzido por Harris & Campbell (1995). As autoras discutiram os processos de junção das orações,

² Reprodução integral da figura 7.1: “Properties relevant to the cline of clause combining”, In: Hopper e Traugott (1993, p. 171).

colocando no centro da questão a unidirecionalidade da mudança por meio da análise da renovação de estruturas nas línguas.

Ao afirmar que a parataxe é a raiz para a hipotaxe, as autoras apresentaram duas hipóteses que analisam detidamente: 1. a parataxe é mais comum nos estágios mais recentes de uma língua escrita do que encaixamento; 2. subordinadores em muitas línguas surgiram a partir dos pronomes interrogativos. Essas duas hipóteses aparecem em vários estudos que lidam com os processos de combinação de orações e também em alguns estudos que lidam com a aquisição de língua materna pela criança. Ainda assim, consideram que a segunda hipótese não se sustentaria por falta de evidências linguísticas suficientes.

Para Harris & Campbell, a mais aceitável explicação para o surgimento das construções complexas estaria baseada na reanálise de estruturas. Como evidência, apresentam o caso do pronome *that* (*daß*), que, já no alemão antigo, foi usado para marcar subordinadas, sendo reanalisado, então, como complementizador. Essa reanálise explicaria uma forma gráfica que distingue o pronome demonstrativo *das* do complementizador *dass* (*daß*). Evidência disso também pode ser encontrada, segundo as autoras, no inglês com a reanálise de “the while that” em *while* e, no francês, de “par ce que” em *parce que*.

Um ponto interessante do trabalho das autoras diz respeito ao questionamento da *unidirecionalidade*. Elas julgam questionável que se conceba uma mudança linguística sempre da estrutura menos complexa para a mais complexa. A justificativa das autoras para refutar a unidireção da mudança é a existência de construções menos complexas (paratáticas) nas línguas. Perguntam, em outras palavras, como continuariam a existir estruturas simplificadas nas línguas e não apenas as mais complexas?

Na verdade, a evidência apresentada não é suficiente para romper com a unidirecionalidade, pois os estudos desenvolvidos sobre gramaticalização têm apresentado muitas provas substanciais de que a mudança se operaria em contextos específicos e que os demais usos generalizados continuariam a exercer sua função original. Ideias como a de Harris & Campbell, aliás, fizeram Hopper (1991) explicitar os

cinco princípios que regeriam a mudança: estratificação, especialização, divergência, persistência e decategorização³.

Com relação à renovação, as autoras remetem ao processo contínuo de substituição ou revisão dos tipos de construções utilizadas, não sem antes desmontar o consenso de que a hipotaxe é um recurso mais sofisticado, enquanto parataxe, primitivo. Elas mesmas, no entanto, admitem que esse consenso pode ser aceito, parcialmente, se hipotaxe for restrita a orações finitas. Sabemos, no entanto, que temos hipotáticas não-finitas e que elas são muito produtivas em todas as línguas.

Essa afirmação prende-se ao fato de que resultados do estudo de Chafe (1982) apontaram para um maior índice de subordinadas finitas na escrita do que na fala. Ainda que a produtividade seja evidenciada, Harris & Campbell questionam a aproximação entre frequência e primitividade. Há, no entanto, um ‘erro’ argumentativo aqui: assim como a alta produtividade pode não ser evidência de primitividade, deve-se ter cautela com o que se quer dizer com este último rótulo. Seria lícito interpretá-lo em termos de ‘uma forma original e única de se comunicar de uma comunidade’?

Harris & Campbell (1995, p. 310) refutam a *hipótese Parataxe*, mas aceitam o Princípio do Uniformitarismo, que prevê que um processo que opera num tempo pré-histórico é o mesmo que opera no tempo histórico. Entretanto, para que um processo tenha ocorrido, evidências são necessárias.

Todos os argumentos construídos pelas autoras envolvem a reanálise em alguma instância. Reanálise, aliás, é a explicação mais aceitável para o surgimento das hipotáticas, porque as autoras creem que nenhum mecanismo especial é necessário para a explicação de como surgiram essas orações. Segundo elas, *toda língua que tenha formas verbais não-finitas tem o potencial para introduzir uma oração subordinada finita*. Pelo menos duas questões emergem dessas afirmações:

³ Para Hopper, o fato de um item passar por gramaticalização não significa que a forma-fonte desaparecerá. Ela apenas assumirá uma rota diversa da anterior. Uma forma em mudança primeiramente deflagraria a instauração ou ampliação de uma regra variável (estratificação). O item inovador seria gramaticalizado num contexto específico de uso (especialização), podendo a função original se manter em sua rota natural de evolução (divergência). Entre os padrões funcionais³ seria possível notar diferenças funcionais, mas também propriedades ou traços que as ligariam historicamente (persistência), sem, contudo, serem confundidos. Essa diferença funcional tornaria possível encontrá-los numa mesma sequência sintática (decategorização).

1. Se formas não-finitas potencializam orações finitas, então não-finitas seriam primitivas, e finitas seriam derivadas? qual a implicação disso para a aquisição da língua escrita?
2. Se a reanálise vai se impondo em contextos favoráveis e a recursividade (princípio do uniformitarismo) é atuante historicamente na evolução das línguas, qual é o recuo suficiente para que se determine o que é primitivo e original numa língua já que a língua está em permanente processo de elaboração?

Um destaque deve ser dado à discussão tecida por Harris & Campbell. Refere-se ao fato de reconhecerem a dinamicidade da língua frente à etimologia de um conectivo. Afirmam que a conjunção não poderia explicar a estrutura original do tipo oracional, pois a subjunção pode ser extensiva a um tipo diferente de oração por reanálise.

Paiva (1998, p. 62), analisando as expressões da relação de causalidade no Português de Contato do Alto Xingu, fez observações que confirmaram a Hipótese Parataxe. Notou que, com o avanço do aprendizado do português, a relação de causa fica mais gramaticalizada, pois, se inicialmente a parataxe predomina, com o domínio mais acentuado da língua, a hipotaxe aumenta expressivamente. Esta é uma evidência de que mudanças linguísticas na combinação de orações estão atreladas aos estágios de aquisição de L2, no caso ao Português de Contato.

Franzzyngier (1996) investigou construções complexas nas línguas chádicas e propôs uma tipologia oracional baseada em três tipos: *ligação assindética*, *sequencial* e *subordinada*. Nesse modelo, muitas estruturas complexas subordinadas naquela língua são identificadas com base no tipo de verbo da principal: complementos de *verbos de dizer*, interrogativas encaixadas, complementos de *verbos de volição*, complementos de *verbos de percepção*, complementos de *verbos de cognição*, orações temporais, orações condicionais e orações relativas. A mutação e surgimento das orações também estão, neste trabalho, baseadas na reanálise.

Lima-Hernandes (1998), ao analisar as orações de tempo no português, evidenciou que a noção de tempo pode ser codificada nos vários processos de combinação de orações e não apenas na hipotaxe. A organização de seus dados contendo orações de tempo foi disposta da seguinte maneira:

Quadro 2: Estruturações identificadas nos processos de combinações de orações de tempo

Parataxe	Estruturação Justaposta (exemplos 2 a 4) ⁴		
	Estruturação intermediária 1 (exemplos 5 a 8) ⁵		
Hipotaxe	Estruturação finita (exemplos 9 a 12) ⁶		
	Estruturação não-finita (exemplos 13 e 14) ⁷		
Encaixamento	Estruturação intermediária 2 ⁹	determinativa (exemplos 15 a 17) ⁸	
		apositiva (exemplos 18 a 20) ¹⁰	
	Encaixamento Prototípico	função Substantiva	subjativa (exs. 21 e 22)
		Função Adjetiva	objetiva (exs. 23 e 24)
			finita (ex. 25) ¹¹
		não-finita (ex. 26) ¹²	

⁴ A justaposição constitui o processo pelo qual o falante apresenta orações lado a lado, sem o emprego de conectivos explícitos, portanto numa sequência formalmente desconexa. A interpretação de tempo é resultado da leitura da sequência das duas orações justapostas, com entonação especial.

⁵ Trata-se de ocorrências em que as orações estão acompanhadas de sequenciadores narrativos do tipo *e, então, aí e depois*.

⁶ As orações de tempo rotuladas de hipotáticas de realce correspondem àquelas ocorrências em que o processo sintático consistiu no explicitamento do elemento conector por uma conjunção subordinativa. Essas orações equivalem, numa perspectiva tradicional, às subordinados adverbiais temporais desenvolvidas. Estão, portanto, incluídas nessa classificação as orações hipotáticas de realce cujo conector, amplamente aceito como conector temporal, esteja explícito.

⁷ Essas orações têm por característica o emprego de verbos em suas formas nominais e, quando transformadas em desenvolvidas, equivalem a uma oração temporal, com conector prototípico presente na estrutura de superfície. Compõem o grupo das hipotáticas não-finitas orações introduzidas por verbos na forma nominal.

⁸ Chamamos de determinativa a estrutura oracional que contém na oração encaixada a palavra *quando* desempenhando a função sintática de relacionar a proposição posterior ao termo antecedente, restringindo ou especificando. É, assim, uma informação imprescindível ao sentido pretendido pelo falante. Essas orações aproximam-se das adjetivas restritivas da gramática tradicional.

⁹ Fazem parte deste conjunto de estruturas aquelas orações que são compostas por oração matriz e oração de tempo numa noção de encaixamento próxima ao da formação por relativização. A diferença resume-se em dois aspectos: ao tipo de pronome relativo empregado e à equivalência morfológica da oração. Encontramos exemplares de orações combinadas num processo muito próximo da 'relativização' em dois níveis: um nível mais encaixado, mais integrado, mais necessário para o sentido da oração matriz e outro nível menos encaixado, mais independente, menos necessário para o sentido da oração matriz.

¹⁰ Trata-se de estruturas oracionais que contém na oração encaixada a palavra *quando* desempenhando a função sintática de relacionar a proposição posterior ao termo antecedente. O relativo *quando*, neste tipo de oração, introduz uma informação acessória. As orações apositivas representam, portanto, uma informação prescindível em relação ao termo antecedente, parte da oração matriz. Nesse sentido, as orações apositivas funcionam como conteúdo dispensável, como elemento facultativo, uma sequência acessória. Essas orações desempenham função similar à da adjetiva explicativa da gramática tradicional.

¹¹ Essas orações foram agrupadas num mesmo conjunto por serem introduzidas por pronome relativo *que*, antecedido por um sintagma nominal. A diferença entre estas orações e aquelas classificadas anteriormente como 'relativas' (vide item c.1 - Estruturação intermediária 2) está na palavra empregada como conectora, ou seja, naquelas, o conector é a palavra *quando* funcionando como pronome relativo e, nestas, o conector é a partícula polifuncional *que*.

¹² Todas as orações que compõem este conjunto apresentam seus verbos na forma infinitiva precedidos por uma sequência de advérbio de tempo + preposição.

- (2) ... isso, eles vive dizendo isso, *eu nem sonhava em ter filho ainda* [peul143]
- (3) ... ela...*o cachorrinho morreu...*ela enterrô encostadinho na parede nossa aí [pop18]
- (4) ... porque...*cheguei...*já tinha passado a reunião [pop52]
- (5) ... *aí eu estava jogando bola*, ele me chamou para mim ir [peul62]
- (6) ... *então eu acabava o meu/ a minhas coisas de casa...lição...tudo...*corria pra casa da dona [pop90]
- (7) ... *e eu chego...*tá tudo em ordem [pop211]
- (8) ... *depois chegá na hora...*não é da gente [pop300]
- (9) ... ela fica apavorada *quando a gente sai* [peul56]
- (10) ... *depois que teve essa briga com a minha mãe e meu pai*, eu, sei lá, tomei pavor do lugar [peul147]
- (11) ... *quando eu tava fazendo isso...* as coisas aqui era pió [pop154]
- (12) ... *enquanto o vizinho aí do lado tá falando...* você não consegue dormi [pop184]
- (13) ... fica todo mundo pacato, *vendo aquele filme* que aparece de Natal [peul53]
- (14) ... *passando o cemitério...*o ônibus faz aquelas voltinha [pop36]
- (15) ... antigamente...*quando um cara falava assim...*ela já pensava que era verdade mesmo [pop236]
- (16) ... porque eu sempre, *quando eu era pequeno*, não é? eu ficava lá [peul70]
- (17) ... sexta-feira, *quando eu apanhar meu filho no colégio*, eu vou para lá [peul148]
- (18) ... antigamente...*quando eu vim pra São Paulo...*naquele tempo os campeonato era só sábado e domingo né? e era só no Pacaembu...eu ia todo sábado e domingo[pop347]
- (19) ... naquele tempo...*quando a gente criô lá na roça...*eles não registrava os filho home...só as mulhé né? [pop365]
- (20) ... em 80, *quando eu cheguei aqui*, foi o Papai Noel no Maracanã [peul105]
- (21) ... mas é ruim demais *quando a gente descobre* [pop152]
- (22) ... ainda mais, *quando tu marca um gol*, que tu vê aquele pessoal todo gritando o seu nome, é um desespero [peul118]
- (23) ... eu reconheço *quando estou errada* [peul37]
- (24) ... adorava *quando a gente ia pra fazenda* [pop97]
- (25) ... a hora *que eles chega...*aí eles roba [pop20]

(26) ... *na hora de dormir...*aquela sirene ali fica tocando [peul165]

Notemos que não se tratou até aqui da correlação como processo de combinação de orações. Perguntamo-nos, então, se a correlação seria um processo mais cognitivo do que sintático daí sua não-inclusão nos modelos de processos de combinação de orações via gramaticalização. Na seção seguinte, providenciaremos respostas a essa questão.

1.2 Processos de combinação são processos puramente sintáticos?

Pelo que foi exposto até aqui principalmente com base em Hopper & Traugott (1993), poderíamos incluir o processo de correlação no mesmo ponto do *continuum* em que está a hipotaxe, pois há entre as duas sentenças uma conexão sintática por interdependência.

Ocorre que essa interdependência não é tão lassa como aquela demonstrada pela hipotática prototipicamente temporal, cuja demanda pela noção de tempo não é premente. Para que discutamos a questão, buscaremos esteio nas explicações de Dias e Lima-Hernandes (2009) e faremos uma aplicação a casos que envolvem a conjunção coordenativa prototípica *mas*.

Segundo Dias & Lima-Hernandes (no prelo), em sua acepção mais estrita, a correlação deve ser considerada um processo de raiz pragmática e cognitiva, portanto uma estratégia discursiva.

É um processo de ligação entre duas porções informativas conectadas extrinsecamente por dois elementos: um elemento morfossintático (conjunção subordinativa) e um elemento psicológico que funciona como gatilho de uma segunda porção informativa num molde previamente projetado.

Seu caráter sintático seria uma pista para captação do processo de organização informacional com base em projeções mentais feitas pelo falante tendo em vista a bagagem pragmática de seu interlocutor e seus objetivos. A sintaxe seria, assim, o *locus* ideal para recolha de pistas discursivas.

Nesse sentido, pistas do que o falante considerou importante, do que quis deixar em segundo plano, do que não disse, inclusive, estariam disponíveis na cena

interacional. Então, se o falante liga porções informativas por meio do processo de correlação, ele está focalizando e dando relevo ao que considera mais proeminente para seus objetivos comunicativos. No entanto, ele faz isso levando em consideração os canais de recepção, ou seja, projeta como supõe que o interlocutor captará e como reagirá.

Portanto, embora aqui tenhamos o objetivo de uma simplicidade expositiva, a correlação enquanto processo revela-se complexo na medida exata de seus efeitos. Ao mesmo tempo em que estabelece a ligadura sintática entre duas orações, também sinaliza o cuidado do falante durante a tradução de seus objetivos comunicativos em aparato sintático e o cuidado com a atenção de seu interlocutor, dando relevo a determinada porção informativa.

São operações superpostas e simultâneas que devem ser codificadas sintaticamente de modo econômico tendo em vista o aparato mental do outro que escuta e reage. As funções discursivas de foco e relevo são, então, mobilizadas para que o falante diga algo relevante, seja econômico, objetivo, claro e compreensível.

Ainda que seja um processo complexo e econômico selecionado pelo falante, este não tem liberdade total de seleção dos itens que estabelecerão a correlação sintática. Segundo Dias e Lima-Hernandes (2009), o emprego de uma das porções exige que o seu par seja também exibido na sequência comunicativa (exemplificam com *não só... mas, tanto...que* e *tão...que*), mas é possível a alteração de um dos itens dos pares em alguns casos (revelando-se aí uma regra variável).

A preocupação de Dias & Lima-Hernandes, na verdade, é evidenciar que a correlação é uma resposta a processos discursivos, como focalização e relevo informacional, sempre tendo em vista a interlocução. Justamente por isso, não se pode perder de vista, que dada a história do ensino de língua portuguesa que prioriza padrões específicos de uso, o cuidado na seleção da estratégia de correlação deve existir a depender da situação comunicativa.

Resultados de pesquisas científicas (Labov, 2001¹³ e Androutsopoulos, 1999¹⁴, a título de ilustração) mostram que a propagação de uma inovação depende sempre de

¹³ “As comunidades diferem na extensão com que estigmatizam as novas formas da língua, mas eu nunca encontrei ninguém que as recebesse com aplausos” (Labov, 2001, p. 6).

valores associados. Labov, por exemplo, é categórico ao afirmar que todas as comunidades estigmatizam novas formas linguísticas, ainda que em extensão diferente. Lima-Hernandes (2005) também se fez essa pergunta com relação ao emprego de *tipo* e notou que a estigmatização existe, sim, mas ela só afeta os padrões funcionais discursivos (como marcadores conversacionais), e que padrões funcionais mais gramaticais (como preposições) são empregados inclusive por falantes cultos em artigos científicos. Seria o grau de gramaticalização mais alto livre de estigmas e preconceitos linguísticos?

Tendo em vista que os pares correlativos foram ecoados como modelares por alguns séculos nas gramáticas e, conseqüentemente, nos livros escolares, os usuários que não estabelecem essa correlação de um modo ‘apropriado’ (ou *correto*, para manter o rótulo tradicional) nos casos de regra categórica (em que não se aceita a alteração dos elementos dos pares correlativos) certamente serão alvos de estigmatização ou, a depender do contexto discursivo, sofrerão sanções.

No trabalho diário com *corpora* variados de língua portuguesa, pudemos notar que correlações inovadoras também vão se sedimentando na gramática. Aqui, restringir-nos-emos ao gênero “redação vestibular”, por ser um contexto de produção em que a normatividade exerce uma pressão mais forte sobre o produtor do texto. Dado o amplo número de casos de correlação, optamos neste trabalho por focalizar trechos em que a conjunção adversativa prototípica fosse empregada para estabelecer a correlação.

A justificativa para essa escolha repousa no fato de que o item *mas* encontra-se indexado no conjunto das conjunções coordenativas adversativas e, por aparecer em processos correlativos, poderia ser uma evidência para a validade da hipótese parataxe. Se essa validação se concretizar, poderemos ter encontrado pistas sobre o papel da correlação no *continuum* de Hopper & Traugott (1993): a correlação seria uma estratégia necessária para que uma estrutura paratática se gramaticalizasse num maior grau.

2. Gatilhos sintáticos de mudança: a conjunção *mas*

¹⁴ “A gramática (..) é aberta, fortemente susceptível à mudança e intensamente afetada pelo uso que lhe é dado no dia-a-dia, respondendo a pressões diversas - cognitivas, comunicativas, estruturais e sociais, que continuamente interagem e se confrontam” (Androutsopoulos, 1999, p. 116).

Muitos são os linguistas que se detiveram no estudo da conjunção coordenativa *mas*, que passa de advérbio intensificador a conjunção contrastiva. Castilho (1997) esclarece que ao sentido de intensificador havia ainda um sentido inclusivo (por exemplo: minha filha está pra casar *mais* o filho do Manuel cargueiro) que favoreceu a gramaticalização de uma conjunção de contraste, graças à proximidade da negação, que, por metonímia, deflagra essa mudança.

Castilho está nessa explicação apontando uma causa sintática como gatilho para a reanálise que faz *mas* ser interpretado como um conector de contraste. Vejamos o seguinte dado recolhido de redações vestibulares:

(27) a honra praticamente *não* existe *mais*, *somente* o interesse por riqueza, beleza e vaidade (FUVEST- Prova dissertativo-argumentativa – São Paulo-Brasil).

O advérbio *mas* apresenta-se próximo a um item de polaridade negativa, mas na sequência seguinte está um item inclusivo. A primeira oração e a segunda contrastam pela polaridade, independentemente da presença do advérbio intensificador *mas*. Parece bastante plausível dizer que o advérbio poderia ter sofrido uma mudança de fronteira sintática, passando a ser reanalisado como membro da segunda oração e não da primeira. Iniciando a segunda oração, que contrasta em polaridade, ele passa a sinalizar esse mesmo contraste.

Mas sua história não se conclui aí. Esse item segue assumindo funções discursivo-conversacionais cada vez mais complexas. Observemos os seguintes padrões funcionais identificados em estruturas correlativas e perguntemo-nos se seriam padrões derivados da rota de intensificação ou da rota de ligadura de ideias contrastantes.

a) *não que ... mas* – na primeira oração, tem-se uma avaliação do falante que lassamente se liga à linha de desenvolvimento anterior. Essa ligação frouxa faz parecer que se trata de uma digressão, ou mesmo um momento de avaliação metalinguística. Somente a segunda porção informativa estabelece uma relação mais justa com o que foi dito previamente. Dado esse caráter digressivo, é possível aventar o apagamento da sequência “quero dizer” entre os itens *não* e *que*, como apresentado no exemplo (28^a).

(28) ... hoje em dia com meus filhos, parece que é automática a busca da melhor formação, *não que* isso já *não* acontecesse, *mas* ficou mais fácil (FATEC – Prova vestibular – São Paulo – Brasil)

(28a) ... formação, *não quero dizer que* isso já não acontecesse, mas ficou mais fácil.
(FATEC – Prova vestibular – São Paulo – Brasil)

(29) Com o avanço tecnológico, livros e revistas técnicos perdem seu lugar para sites na internet. *Não que* eles *não* sejam mais usados, *mas* é que facilidade de encontrar respostas faz aumentar o interesse dos jovens. (FATEC – Prova vestibular – São Paulo – Brasil)

(30) *Não que* todos os brasileiros sejam desonestos, *mas* devemos estar atentos.
(FATEC – Prova vestibular – São Paulo – Brasil)

(31) Poderia estar começando este texto com a importância da família e de sociedade para a formação do caráter dos cidadãos. *Não que* esses segmentos não influenciam a sua formação, *mas* o que realmente conta são as atitudes tomadas no decorrer da sua vida. (FATEC – Prova vestibular – São Paulo – Brasil)

(32) Não podemos passar a vida sem ter entrado em uma faculdade, ter se casado, ter filhos, trabalhar no que gosta, etc... *Não que* seja uma regra, *mas* simplesmente para que não nos sintamos frustrados. (FATEC – Prova vestibular – São Paulo – Brasil)

(33) Não procuram empregos, não procuram se interessar, ou quando se interessam, esquecem dos objetivos para construir aos poucos, *não que* seja errado sonhar com um futuro bom, *mas*, se por algum segundo se esquecerem de agora, amanhã não será nada.
(FATEC – Prova vestibular – São Paulo – Brasil)

Dois casos encabeçados por *não que* assumiram codificação diversa na combinação de orações. São exemplos que não são seguidos pela conjunção adversativa *mas*.

(34) Os idosos têm mais bagagem de experiência de vida do que um jovem que passa a maior tempo on line. *Não que* a internet *não* seja uma ferramenta de conhecimento.
(FATEC – Prova vestibular – São Paulo – Brasil)

(35) Outro fato importante é a proibição de menores ao volante, *não que* seja contra aqueles que são responsáveis, *e sim* daqueles que usam o carro para disputar os famosos rachas em vias públicas. (FATEC – Prova vestibular – São Paulo – Brasil)

b) não... mas – duas orações ligadas por correlação que dão maior grau de destaque à oração adversativa.

(36) De certa forma o livro é uma fonte de conhecimento, *não* é a única, *mas* é uma das mais usadas em toda a esfera de ensino. (FATEC – Prova vestibular – São Paulo – Brasil)

c) *não... mas sim* – como no caso anterior, mas aqui temos um caso explícito de contraste por meio da exposição clara de advérbios em correlação.

(37) ... é o primeiro passo *não* para mostrar que somos ignorantes, *mas sim* expor que estamos com a mente aberta. (FATEC – Prova vestibular – São Paulo – Brasil)

(38) Por sabermos mais que as pessoas *não* têm que humilhar alguém, *mas sim* passar nossos conhecimentos. (FATEC – Prova vestibular – São Paulo – Brasil)

(39) Hoje em dia *não* aprendemos só através dos livros, *mas sim* também pela internet. (FATEC – Prova vestibular – São Paulo – Brasil)

(40) *Não* digo que é totalmente ruim a existência desses jogos, *mas sim* que deveria ser controlado. (FATEC – Prova vestibular – São Paulo – Brasil)

(41) Também quero expor um último ponto, **não** julgar a pessoa pelos erros, *mas sim* pelas suas qualidades (FATEC – Prova vestibular – São Paulo – Brasil).

d) *nada... mas* – como nos casos anteriores, tem-se um item de polaridade negativa correlacionando-se com a conjunção *mas*.

(42) Com cliques conheci outras culturas - Europa, Ásia, América - sem falar que é possível viajar através do telescópio virtual do google (...) sem falar nas plugadas nos orkut da vida, msn. *Nada* contra, *mas nada* melhor do que o bom e velho futebol. (FUVEST- Prova dissertativo-argumentativa – São Paulo – Brasil)

(43) A ciência se multiplica em níveis surpreendentes graças à capacidade de armazenar o conhecimento. *Nada* contra o velho e bom livro, *mas* sou um internauta plugado na ‘net’. (FUVEST- Prova dissertativo-argumentativa – São Paulo – Brasil)

e) *tudo bem que não ... mas* – como nos casos anteriores a oposição é puramente um recurso argumentativo, uma estratégia discursiva adotada pelo falante.

(44) Se a maioria das pessoas fosse sedentária, não haveria mundo para se viver, não haveria fábricas, carros e nem roupas. *Tudo bem que não* haveria poluição também, *mas* haveria muita sujeira. (FATEC - Prova vestibular – São Paulo – Brasil)

Considerações finais

A importância de se discutirem elementos conectivos a serviço de correlações situa-se no campo da cognição, pois remete a uma estratégia de interação que sintetiza operações pragmáticas via sequenciamento de informações em determinada ordem e com entonação específica. A despeito de toda essa complexidade, o campo sintático é o que condensa todas essas propriedades para comunicar ao outro as intenções previstas no plano de fala somada à suposição de compartilhamento de parte da informação.

Dessa forma, uma questão adicional de suma importância concentra-se na concepção do que é erro em termos de processo de combinação de orações. Pelo fato de processos de combinação de orações terem em seus graus mais tenros apelos discursivos mais exacerbados será possível afirmar que as correlações inovadoras podem ser consideradas ‘erros’ pelos professores de português?

Com todas as considerações tecidas aqui, é possível afirmar que muito ainda há para se discutir sobre a gramaticalização de combinação de orações. Para além disso, mantém-se praticamente virgem de estudo o complexo jogo que se encerra num simples sequenciamento sintático revestido de traços especificamente a serviço da pragmática, tal como ocorre com os pares correlativos do português do Brasil.

Referências

ANDROUTSOPOULOS, J.K. *Grammaticalization in young people's language. The case of German*. [1999]. Disponível em: <<http://www.rzusu.uni-heidelberg.de/~iandrout/papers/gramm.html>>. Acesso em 08 de jun. 2000.

DIAS, Nilza Barrozo & LIMA-HERNANDES, Maria Célia. *Flexão como processo de expressão de relações e valores*. Texto inédito produzido para a Gramática do Português Falado em 2013, em volume organizado por Angela Rodrigues e Ieda Alves. (em organização)

DIK, SIMON C. *The Theory of Functional Grammar Part 2. Derived Constructions*. Ed. Kees Hengeveld. Berlin and New York: Mouton de Gruyter 1997.

GONÇALVES, Sebastião Carlos; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia (Orgs). *Introdução à gramaticalização*. São Paulo: Parábola, 2007.

LABOV, William. *Principles of Linguistic Change*. Vol III: Social Factors. Malden; Oxford: Blackwell. 2001.

ROCHA, Ana Paula. Gramaticalização da conjunção *mas*: reflexões a partir do Sweetser (1991). *Domínios de lingu@gem*. *Revista Eletrônica de Linguística*. Ano I, número 2, 2000.

**NÃO QUE EU NÃO SAIBA O QUE É NORMATIVO,
MAS AS PESSOAS ESTÃO USANDO ASSIM.
NEW CORRELATIONS FROM BRAZILIAN PORTUGUESE**

ABSTRACT

The aim of this paper is to discuss the correlative connections properties from Portuguese of Brazil. Because these items do not be normal as rules in the standard Portuguese, they are considered newer correlative pairs, a despite of this they accustomed to use same strategies and mechanisms to provide the sequence of informations in correlations.

Keywords: correlations, newer connections, grammaticalization process.

Recebido em 16/08/2014.

Aprovado em 20/08/2014.